

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SEculo

N.º 717



UM GAROTO ESPERTO

LENDA MONTENEGRINA
Por MARIA ARCHER

ANDOU no mar, todo o dia e tôda a noite, sem que as rêdes lhe apanhassem um único peixe. Algas, conchas, e uma caixa de madeira, fechada, levíssima, tinham vindo nas rêdes do pescador. Ele dei-



tou fóra as conchas e as algas e entrou em casa com a caixa de madeira de baixo do braço.

Quis ver o que havia lá dentro. Se encontrasse uma moeda de ouro? Isso seria muita sorte...

Abriu a caixa e logo, pela abertura, saiu um rolo de fumo negro. O fumo começou a condensar-se numa forma quasi humana. Depois, surgiram dois chifres no alto da cabeça do homem, desenhado pelo fumo.

O pescador compreendeu que tinha o diabo diante de si.

—«Aii! (disse êle com os seus bo-

tões.) — como hei-de ver-me livre do diabo?!»

O fumo cada vez se condensava mais. Com o pêso baixou ao chão. A figura tomou vulto e uma voz terrível, metálica, diabólica, soou aos ouvidos do pescador apavorado:

—«Obrigado, pescador. Pede-me o que quiseres. Devo-te um grande favor... Eu sou o Diabo, posso tudo no mundo. Dize o que queres... Em troca, só te peço a alma... Serás rei, se quiseres ser rei...»

O pescador batia os dentes como castanholas. Mal pôde murmurar:

—«Senhor Diabo, eu sou um bom cristão... Não me faça mal... Ah! Eu môro...»

Num canto do quarto dormia o filho do pescador. O som da voz do Diabo acordou-o. Teve um grande susto quando viu a figura tormentosa de Satanaz. Tapou a cabeça com a roupa. Mas, ao compreender que o pai ainda estava mais assustado do que êle, o pequeno fez das fraquezas forças.

Saltou fóra da cama e cumprimentou o diabo:

—«Boas noites, meu senhor.»

(Continua na página 2)

(Continuação de 1.ª página)

Satanaz perguntou-lhe:

— «Quem és tu?»

— «Sou o filho do pescador. Acordei com a conversa. E como não o conheço, posso perguntar-lhe o nome, meu senhor?»

— «Sou o Diabo?»

— «Ah! — (pasmou o pequeno.) — E... como entrou cá em casa?»

— «Vim dentro duma caixa cheia de fumo, que o teu pai pescou no fundo do mar.»

O garoto, com a sua idéa fisgada, começou a rir-se.

— «Olhem que péta!»

— «Malcriado!» — (bradou Satanaz com voz terrível.) — Ousas dizer que minto?! Pois vou-te provar que digo a verdade.

Mas, se eu te provar que digo a verdade, arranco-te a alma!»

— «Aceito a aposta» — (declarou o garoto, com o coração em saltos tão grandes que lhe estalavam o peito.)

O diabo começou a desfazer-se em fumo e a entrar na caixa.

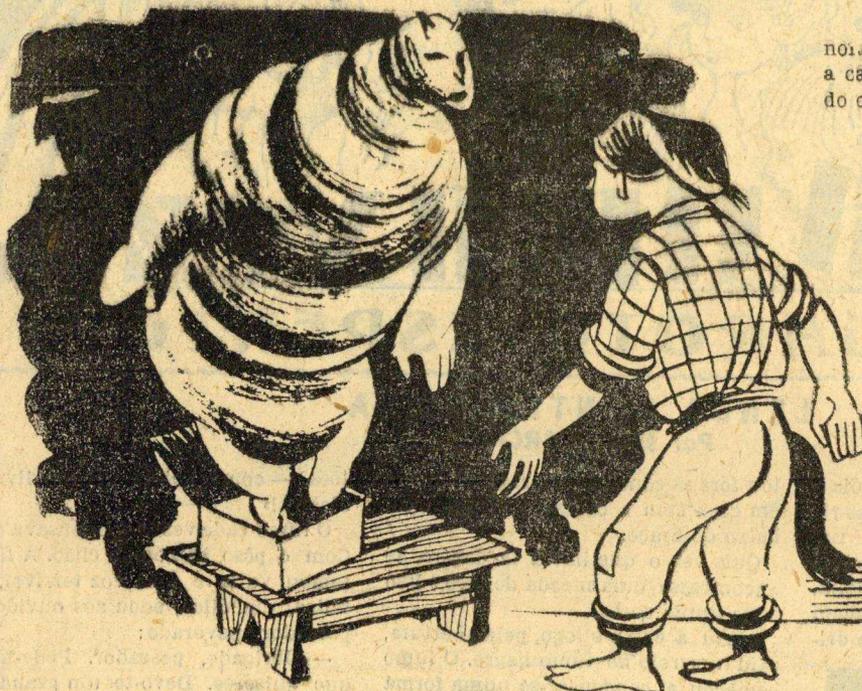
— «Vês? Vês?» — (dizia ele. Estive assim durante séculos, fechado nesta caixa, no fundo do mar...»

— «Bem vejo.» — (dizia o garoto, mas não me convenceo de que caiba tudo lá dentro...)

O diabo, rabiosa como quem era, desfez-se rapidamente no fumo negro. Entrou inteiramente na caixa. Nem um farrapinho de fumo pairava no ar. Então, o filho do pescador pôs a tampa na caixa, fechou-a com o cadeado, e foi a correr, a correr, sem medo da



noite e do vento nocturno, para atirar a caixa com o Diabo, às profundidades do oceano.



LEGENDAS A PRÉMIO

Abaixo reproduzimos as legendas premiadas, relativas à última fábula muda, publicada neste suplemento.

Existe, lá na floresta,
um airoso passarito
que a alguns crocodilos presta
o serviço do palito.

O terrível animal,
quando o vê passar pertinho,
abre a boca colossal
e fica muito quiéttinho.

Numa dada ocasião,
um tigre presenciou
esta cena e, desde então,
a tal ave ambicionou.

Logo se pôs a pensar
o que devia fazer.
A maneira de enganar
a ave, para a comer.

Então, vendo-a num tronquinho,
foi-se sempre aproximando;
abriu a boca e, quiéttinho,
ficou para ela olhando.

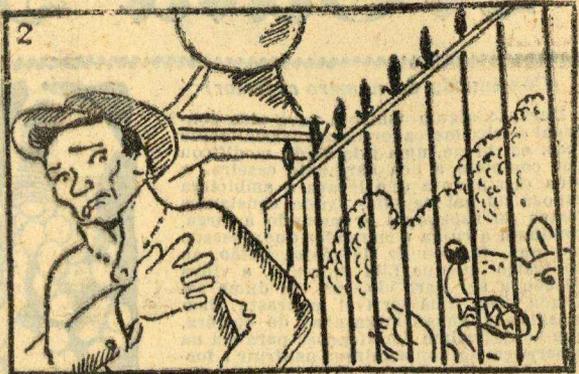
O pássaro, vendo aquilo,
num vôo rápido e airoso,
foi poisar, muito tranqüilo,
na bocarra do manheso.

Logo, mui rapidamente,
o tigre a boca fechou.
E assim foi que o imprudente
passarinho êle papou.

Há nesta fábulazinha,
um ditado que não mente:
— A prudência é a galinha
não fazem mal a doente.

AUGUSTO RODRIGUES DE BARROS — 12
de Outubro de 1939.

HISTÓRIA MUDA



Atendendo ao sucesso obtido com as anteriores histórias mudas, o «Pim-Pam-Pum» abre um novo concurso nas mesmas condições.

PENSAMENTOS UM PROBLEMA

A caridade, para ser bem compreendida e bem praticada, precisa de consolar as misérias do corpo e as do espírito.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Estar sempre descontente consigo mesmo é uma fraqueza; estar sempre contente consigo mesmo é uma tolice

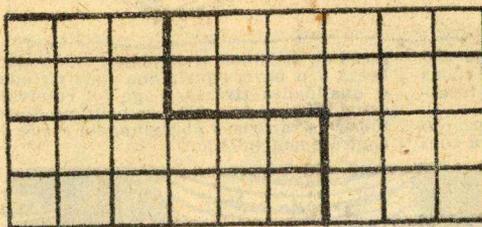
MADAME DE STAEL

O sofrimento nobilita a alma, purificando-a.

Laura Wake Marques

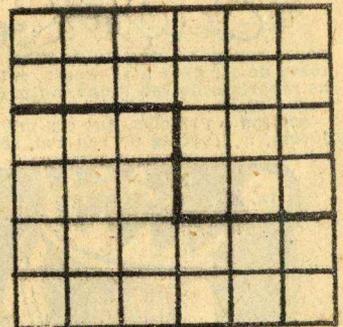
É fraqueza desistir da coisa comecada.

CAMÕES



1º

Solução do número anterior:



2º

Eis a maneira como agiu o mestre carpinteiro.

Não confundas o orgulho com a vaidade. O primeiro pode ser uma força; a segunda é sempre uma fraqueza...

Os novos dizem o que fazem; os velhos dizem o que fizeram; os tolos dizem o que não de fazer.

BREVEMENTE: AS GRANDES AVENTURAS
do AERONAUTA MATIAS

A Gata Borralheira

(Continuado do número anterior)

Durante algum tempo a nova vida conjugal do rico mercador correu normalmente mas, em breve, uma fatalidade modificou por completo a boa harmonia caseira. A vida dissipadora que levava a ambiciosa esposa do pai de Lila, dando constantes festas de espanto e gastando à larga, conduziu à ruína o mercador que, passado um ano, faleceu de desgosto. Então, ao contrário do que Lila esperava, a viúva passou a ser para ela, em vez duma segunda mãe, uma terrível madrasta. Nem mesmo as suas amiguinhas de outrora, que se desfaziem em atenções para ela na esperança de conseguirem usufruir a fortuna do rico mercador, se haviam tornado quasi inimigas, aprovando a atitude rispida da mãe, que passou a tratar a enteada deshumanamente, obrigando-a a trabalhar como uma escrava.

Enquanto, as duas filhas da antiga perceptor, andavam luxuosamente vestidas e folgadas, Lila levava os dias a moler nos arranjos da casa, fazendo a comida, varrendo as salas e esfregando o chão, esfarrapadinha e suja.

Certa noite, Lila surpreendida pela madrasta e pelas filhas, à volta duma festa, a chorar, sozinha, junto à lareira, passou



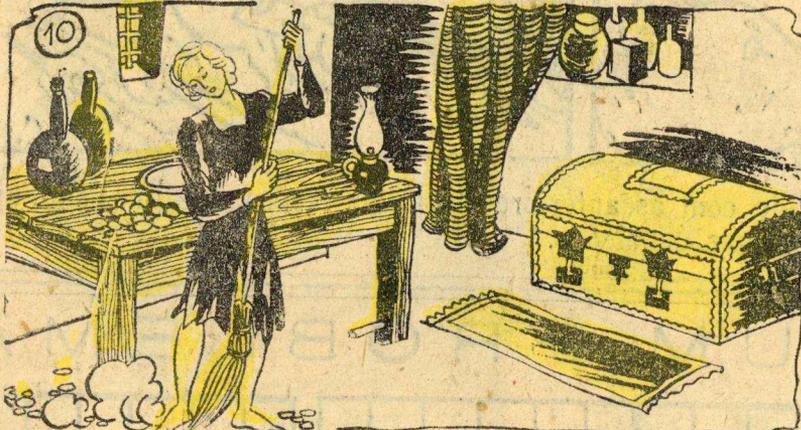
a ser alcunhada, com mordaz ironia, de Gata borralheira.

— «A Gata borralheira que esfregue, hoje, à noite, a cozinha!... A Gata borralheira que tenha o jantar pronto às oito... A Gata borralheira que vá às compras...»



etc. eram as frases que se ouviam, constantemente, nas bocas imperiosas da mãe madrasta e das filhas desta.

Certo dia, o Rei daquele País, sentindo-se velho e já incapaz de governar o seu



povo, rogou ao seu único filho que tratasse de escolher uma esposa, entre todas as raparigas do seu Reino, a fim de legar-lhe o trono.

Aceitou o Príncipe, que era um formoso jovem, a proposta de seu Pai, sob a con-

dição de escolher, livremente, entre a nobreza e o povo, aquela que mais virtudes e qualidades tivesse. Logo foi resolvido convidar para um grande baile na Corte, todas as raparigas do Reino, em idade de contrair matrimónio.



A Gata borralheira passou então a andar numa roda-viva, passando a ferro os luxuosos vestidos das duas privilegiadas filhas da madrasta, que, por motivo do luto, há muito não saíam das arcas, a penteá-las e a vesti-las, pois ambas se



dispunham a ir ao régio baile, na esperança de alcançarem o trono.

Alindando as filhas da madrasta, comendo-lhes as pregas dos luxuosos vestidos, atacando-lhes as fivelinhas de ouro, a Gata borralheira suspirava de quando em quan-

do, hesitante num pedido a fazer, até que, por fim, exclamou, titubeante: — «Gostava tanto de ir, também, ao baile!»

— «Tu?...» (exclamaram as duas irmãs em côro) — Tu, a Gata-borralheira?... e desataram a rir, à gargalhada.



Ao vê-las partir na companhia da mãe, a pobre Gata-borralheira encaminhou-se para a cozinha e sentou-se num banquinho, a chorar, lamentando, sozinha, a sua triste sorte. Saudosa da querida Mãezinha que tão cedo a deixara, levou, inconscien-

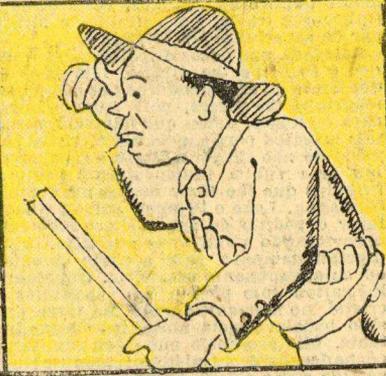
ARCINDO

CAÇADA IMPREVISTA

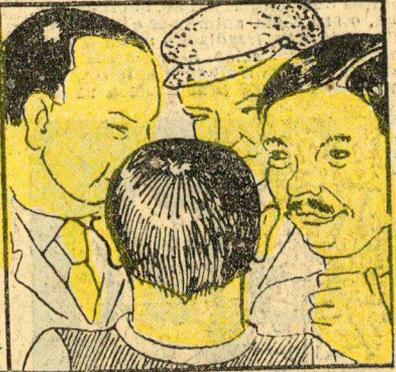
Por ROGÉRIO CLARO



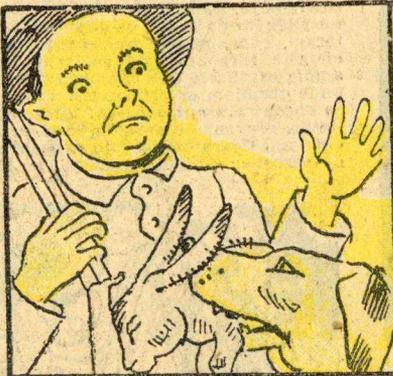
Conheci certo Velozo, homem baixinho e vaidoso, que, para maior desgraça, tinha a mania da caça.



Nunca na vida tivera azo de ver uma fera... Mas na botica contava que muito e muito caçava.



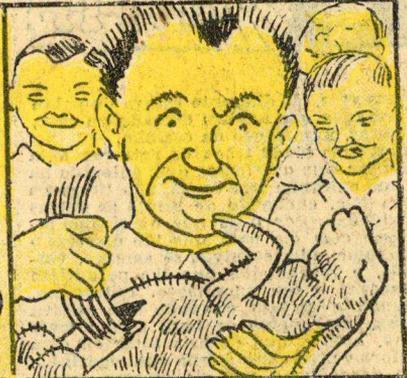
Os seus amigos, por troca, armaram partida grossa... Ei-lo à caça... De repente, vago rumôr ãe sente...



Arma à cara, fôgo feito... Salta o cão que, satisfeito, um coelho portentoso, em breve traz ao Velozo.



Este, ao vê-lo, quási tomba de alegria: - Oh, é de arrombal! Toma alento... Ali não fica... Volta de novo à botica.



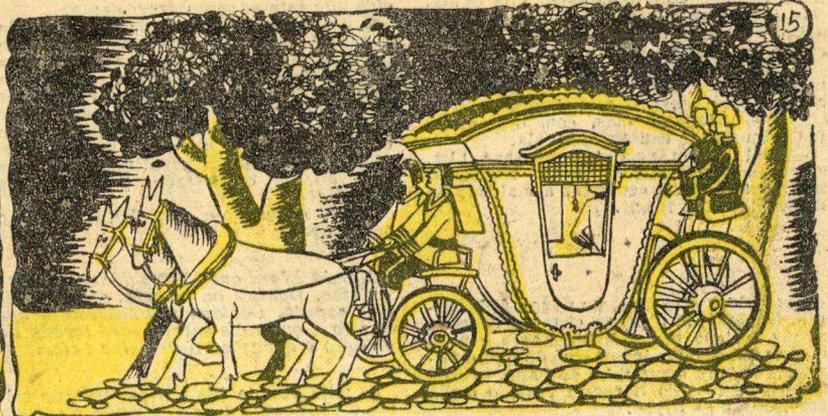
Entre geral gargalhada, chega lá, mostra a caçada. Caçara - (caso falado!) - um coelho embalsamado.

Perante as mofas que ouviu, logo o Velozo fugiu. «Valdade demasiada será sempre castigada»



14

temente, aos lábios o talismã que trazia sempre pendurado ao pescoço, e logo, no mesmo instante, o aposento se encheu duma luz tão intensa que Lila, durante alguns segundos, se viu forçada a fechar os olhitos, cansados de chorar! Ao reabri-los viu, com assombro, uma figura extra- nha de mulher, que parecia um anjo e que lhe disse: - «Sou a Fada, tua madri- nha; disse a tua Mãe que te avisasse de que sempre que estivesse triste e preci- sasses do meu auxilio, bastaria beijares o talismã para que eu te aparecesse. Tu vais ser conduzida num riquíssimo cô-



15

che, puxado por uma bela parelha... A minha varinha de condão tudo pode! Põe esta cabaca e esta ratoeira, com os quatro ratinhos que estão dentro, à porta da tua casa.» Dito e feito. Um momento depois, a Fada, tocando com a ponta da sua varinha na cabaca, transformou-a num riquí- simo côche, todo de prata; bateu depois com ela em dois ratinhos, quando iam a fugir da ratoeira e tornou-os numa linda parelha de cavalos brancos; bateu, em seguida, nos outros dois e transformou-os em cocheiro e trintanário, muito bem far- dados. Passado um minuto, deu com a

varinha num ombro de Lila e logo esta apareceu deslumbrantemente vestida. En- tão, dizendo-lhe: - «Podes partir!» a Fada desapareceu.

O grande salão do Paço, rescedente de luzes e de galas, aguardava já a chegada das convidadas que foram, pouco a pouco, chegando.

Ante a absoluta indiferença do Príncipe, iam desilzando, como um imponente cor-

(Continua na página seguinte)

tejo, desde as mais feias às mais lindas raparigas do Reino, enquanto uma magnífica orquestra soitava os primeiros acordes duma dança de sala. O Príncipe, todavia, mantinha uma gélida attitude. Subitamente, porém, o seu rosto animou-se e instintivamente se ergueu, irradiando a sua imensa graça, entrou no salão a encantada e encantadora Gata Borracheira, ante o pasmo da madrastra e das filhas que a não re-



conheceram, tão diferente estava da pobre esfarrapada que haviam deixado em casa, a chorar, num canto da cozinha.

Após uma breve troca de palavras, ella a dançar com o Príncipe que, enlevado na sua estranha formosura, não tirava os olhos dela, enchendo de inveja as outras convidadas. Por mais que o Príncipe insistisse com ella para que lhe dissesse o seu nome, Lila esquivou-se sempre, sorrindo, e rogando-lhe que lhe permitisse conservar o seu anonimato. Entretanto, olhando o relógio e vendo que faltava apenas um quarto de hora para a meia noite, hora a que deveria estar em casa conforme prometera à fada sua madrinha, Lila despediu-se com a promessa de voltar, oito dias depois, ao segundo baile que, em sua honra, o Príncipe ia dar. Escusado é dizer que o Príncipe ficou desde logo apaixonado.

Quando a madrastra e as filhas chegaram a casa, já a Gatinha Borracheira estava a um canto da cozinha com o seu habitual vestidinho esfarrapado, fingindo que dormia. Chamaram-na para que as fôsse despir. Humildemente, Lila se dispôs a ingrata tarefa, pois nunca perdiam o menor ensejo de a arrelhar, fazendo-lhe sentir a sua inferioridade.

— Não podes fazer ideia de quanto foi maravilhoso o baile! E que linda rapariga já appareceu: chegou a apaixonar o Príncipe! — diziam-lhe ellas, com o premeditado fim de lhe causarem inveja.

— Mal sabem vocês!... pensava Lila, sorrindo intimamente, mas triste, ao mesmo tempo, ao constatar a maldade da madrastra e das filhas.

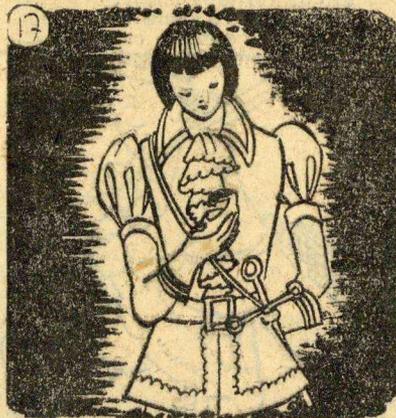
Decorridos oito dias, de novo a fada surgiu. Novamente a pobre Gata Borracheira se viu trajada luxuosissimamente e num côche, ainda mais imponente do que o primeiro, seguiu a caminho do baile, poucos minutos depois de haverem partido a má Madrastra e as filhas.

— Ao vê-la chegar, o Príncipe correu para ella, deslumbrado por tanta beleza e novamente lhe implorou que lhe dissesse o seu verdadeiro nome. Em face das suas evasivas, e ao vê-la despedir-se, em virtude do compromisso que tomara de estar de regresso a casa antes da meia-noite, o Príncipe declarou, a toda a assistência, que daria um novo baile, após haver conseguido a promessa de Lila de não faltar a elle.

A este terceiro baile, Lila appareceu ainda mais deslumbrante do que nos anteriores.

O côche que da primeira vez era em prata, da segunda em ouro, era agora em platina, todo cravejado de pedras preciosas, e puxado a duas parelhas. Contudo o que maior admiração causava, eram os sapatinhos que trazia, um estranho e bizarro par de sapatinhos de cristal.

Ruivada nas doces e apaixonadas frases que o Príncipe lhe dirigia, Lila ia-se esquecendo da recomendação que a Fada sua madrinha lhe fizera, pois, quando olhou para o relógio, notou que faltavam apenas três minutos para a meia noite. Aflição, com medo de não chegar a tempo a casa, simulou uma súbita indisposição e pediu ao Príncipe que lhe fôsse buscar um copinho com agua. Logo o Príncipe correu a satisfazer o pedido da sua eleita e logo esta, aproveitando a sua curta ausência, fugiu, precipitadamente, para a porta da saída, em cuja imponente escadaria, tropeçando, lhe saltou dum pé um dos sapatinhos de cristal, no momento em que na torre dum sino badalava meia noite. No mesmo instante, Lila presentiu que o seu riquíssimo côche desaparecera misteriosamente e viu-se vestida como estava, horas antes, ao canto da cozinha.



Completamente desorientada, pôs-se a correr em direcção a casa. Entretanto o Príncipe, com o côpo de agua na mão, procurava por todas as salas, baldadamente a deusa dos seus sonhos. Descendo, num alvôrcio, a escadaria, deparou apenas o sapatinho que Lila, na fuga, deixara cair do pé. Tão grande foi a comoeção do Príncipe que este adoeceu gravemente.

O Rei, impressionado pela gravidade da doença de seu filho, ordenou, então, que um vistoso cortejo com três arautos a frente e três pagens atrás, um dos quais levaria sobre uma almofada de veludo cor de rosa, o sapatinho de cristal, percorresse todas as ruas e praças do Reino, em busca da dona de um pé que se ajustasse à medida do minúsculo sapatinho, certo de que, ao ser encontrada, o Príncipe se curaria.

Pôs-se o cortejo a caminho, lançando o seu pregão:

Manda El-rei que toda a donzela, pobre ou rica, fidalga ou plebeia, experimente este sapato. Declara sua Magestade que aquella a quem elle servir, será levada ao palácio e depositará o Príncipe Lelo.

Já milhares de pés haviam tentado calçar o pequenino sapato, quando o cortejo parou a porta da Madrastra da pobre gatinha borracheira. Já as ambiciosas companheiras de Lila, viam baldados os seus esforços para introduzirem seus pés no sapatinho, quando o pregoeiro indagou se não havia na casa mais nenhuma donzela a quem elle pudesse pertencer.

— Não, — responderam ambas ao mesmo tempo — Há apenas a Gata borracheira. Dessa não é, com certeza.

— Chamala-a; — disse o pregoeiro. Qual não foi, então, o espanto de todas, ao verem-na enfiar o sapatinho sem o mínimo esforço.

— Ide-vos vestir decentemente e vinde conhecêo ao Palácio, — exclamou o pagem. Ao entrar no seu quarto, a Fada madri-

nha de novo lhe appareceu e lhe tocou com a varinha mágica. Logo o mesmo vestido com que fôra ao baile lhe cingiu o corpo e o outro sapatinho surgiu.

Minutos depois, entrava no Paço, enchendo de alegria o Rei e, principalmente, o Príncipe, o qual, decorridos três dias, casava, finalmente, com Lila que escolheu para suas alas as filha da madrastra.

Invejosas como eram, estas combinaram, então, matar a Princesa, no momento em que a estivessem vestindo, servindo-se dum alfinete envenenado que lhe espetariam no corpo, simulando um descuido. No momento, porém, em que se dispunham a executar tão criminoso intento, a Fada madrinha surgiu novamente e prevenindo a Princesa Lila, ao mesmo tempo que reprehendia severamente as aias, sentenciou, erguendo a sua varinha: —

— Vou castigá-las, transformando-as em estátuas de mármore mas de forma que, sob uma apparencia inerte, não deixem de sentir de ver tudo quanto se passa em seu redor. No dia em que estiverem sinceramente arrependidas dos seus erros, perdoar-lhes-ei!

Imediatamente as duas raparigas foram transformadas em estatuas, ladeando a porta dos aposentos de Lila, e de Lelo, em frente da escadaria.

Certa noite, passados meses de muito sofrimento, de calada e funda amargura, no silêncio da noite, as duas estatuas notaram, com surpresa e assombro, que uma enorme serpente galgava, lentamente, a ampla escadaria que conduzia ao aposento onde dormiam os príncipes e cuja porta se encontrava entreaberta. Então as duas irmãs, prevenido o perigo que os Príncipes corriam, tiveram o mesmo pensamento: — deixarem-se cair sobre a serpente, embora



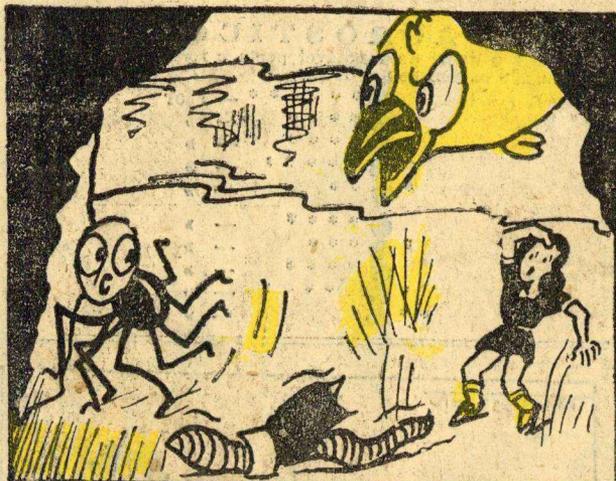
puzessem em riscos as próprias vidas, desfazendo-se em estilhas sobre a laje. E, acto continuo, tombando sobre a cobra-monstra e esborrachando-a, se desfizeram em mil pedaços. No mesmo instante, ouvindo o estrondo ocasionado pela queda das estatuas, a Princezinha acorreu afiada e ficou surpreendida ao ver desencantadas as suas antigas aias e a sua Fada-madrinha reaparecer, dizendo-lhe:

— Lila, as tuas aias estão, finalmente, redimidas dos seus antigos erros. Arriscando a vida por ti, provaram bem o seu arrependimento. Passarei a velar por todas vós. Sejam felizes e procedam sempre com virtude e bondade! Dito isto, misteriosamente, a Fada desapareceu.

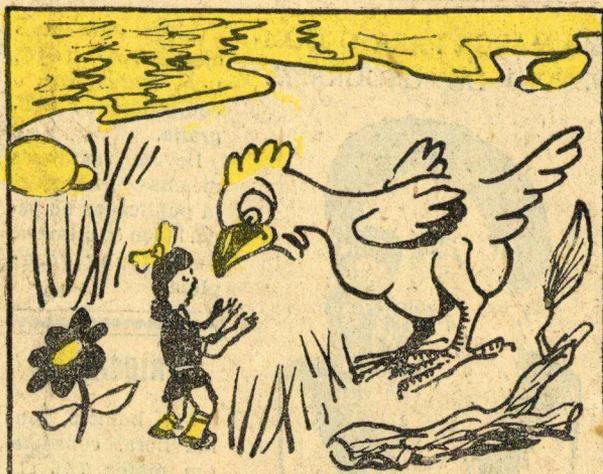
Sim

AVENTURAS FANTÁSTICAS DA MILÚ

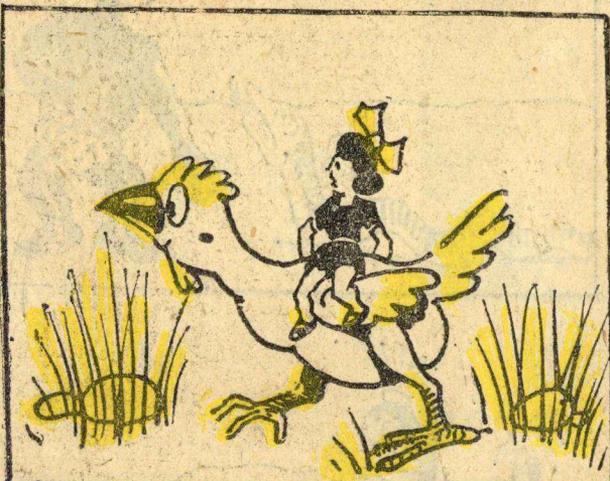
(Continuação do número anterior)



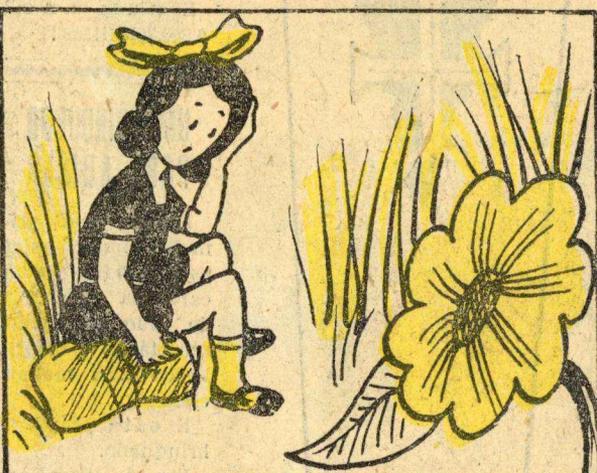
casamento ia celebrar-se quando, de repente, a cabeça dum monstro surgiu... Noivo e Minhoca fu-



giram a sete pés, deixando a Milú abandonada. Esta tratou, imediatamente, de falar ao coração da... ga-



linha (pois da galinha que os vira se tratava), e contou-lhe a sua vida. Com surpresa da Milú, esta verificou que a ga-



linha era de seus pais. Pediu-lhe, então, que a levasse no lombo para o sítio onde lhe aparecera o mostrengo que a



encantara. Ao chegadas, a Milú sentou-se, esperando ver surgir o bruxo.

Mas um gafanhoto brincalhão, meteu-se com a Milú, atirando-a por ares e ventos.



Onde cairá ela?

(Conclui no próximo número)